

## NÚMEROS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO NORTE DO PARANÁ: 1958.

CACILDA MAESIMA\*

Em 1958, dentre os vários empreendimentos elaborados para comemorar os cinquenta anos da imigração japonesa no Brasil, destaca-se a realização do censo da Colônia Japonesa no país. Até então, nenhum censo oficial de tamanha envergadura havia sido feito por qualquer agência de governo, e muito menos no nível de pesquisa acadêmica como a que fora elaborada (SUZUKI, 1969, p. [i]).

O objetivo do censo, idealizado pela Comissão de Festejos, era demonstrar para toda a nação brasileira e exterior, a participação real do nipônico nos âmbitos econômico, político, administrativo e social da vida brasileira (HISTÓRICO<sup>1</sup>, 1968 apud ANDRADE, 1975, p. 50- 51). Tal projeto nasceu, também, do desejo dos imigrantes saberem sobre si, e a proposta é que fosse executado por eles mesmos (SUZUKI, 1969, p. [i]).

Foi criada a Comissão de Recenseamento da Colônia Japonesa, que editou a publicação final dos resultados. Para viabilizar o projeto o governo japonês fez uma doação de verba equivalente a US\$37 mil, e o governo de São Paulo fez a impressão de 100 mil formulários e proporcionou apoio logístico. O levantamento foi realizado em dois anos e contou com o trabalho de seis mil pesquisadores. Os dados foram migrados para cartões perfurados e processados no computador do Jockey Clube de São Paulo, único “disponível na época” (SETO; UYEDA, 2009, p. 64). Para a conclusão da pesquisa estatística houve necessidade de arrecadação de mais verbas, o que foi obtido por meio de “venda de rifas e doações pessoais, de bancos e empresas” (Ibidem, p. 64).

Houve também a colaboração do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - I.B.G.E. e a Universidade de Tóquio se encarregou da análise dos dados (ANDRADE, 1975, p. 50-51).

Os resultados foram publicados em japonês, em 1964, pela referida Universidade, e consiste em duas partes: Tabelas Estatísticas e Parte Narrativa. As

---

\* Doutoranda em História no PPGH da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói – RJ, e Técnica Especialista do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica – CDPH da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina - PR.

<sup>1</sup> HISTÓRICO do 60º aniversário da Colônia Japonesa no Paraná. [s.l.]:1968. 330p.

tabelas foram editadas também em texto bilíngüe, japonês-inglês, nesse mesmo ano e, a parte narrativa somente no ano de 1969 (SUZUKI, 1969, p. [i]). O censo representa uma importante fonte para o estudo da colonização japonesa no Brasil, nos seus variados aspectos. Dele se retiram dados para uma melhor compreensão do processo de ocupação e inserção dos imigrantes japoneses e seus descendentes na região de Londrina, Norte do Paraná.

Assim, nos limites desta apresentação, que tem como objeto a imigração japonesa na região de Londrina, privilegiar-se-ão os dados referentes à distribuição geográfica desses imigrantes e seus descendentes, com o objetivo de dar visibilidade a alguns aspectos que auxiliam na compreensão da trajetória desse grupo étnico naquela localidade.

#### **LONDRINA: A COLÔNIA INTERNACIONAL.**

Londrina é o lugar onde se elaborou a construção de imagens e representações, como o *Eldorado Cafeeiro*, a *Terra da Promissão*, a *Nova Canaã*, e se tornou um chamariz de migrantes e imigrantes de diferentes etnias, oriundos de procedências diversas. Esta cidade nova, que hoje possui cerca de 506.000 habitantes, foi fundada pela Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP, em 1929, no meio da densa floresta que constituía a mata atlântica característica da região. Nela foi instalada a sede da companhia, cujos planos contemplavam a colonização de “515.000 alqueires<sup>2</sup> de terras fertilíssimas, cobertas de mata”<sup>3</sup>, localizadas entre os rios Paranapanema, Ivaí e Tibagi.

A CTNP era subsidiária da empresa inglesa, Paraná Plantations Syndicate, que tinha sede em Londres. De iniciativa privada, seu objetivo era desenvolver e ocupar os chamados “vazios demográficos” existentes no território do Paraná. No ano de 1928, a empresa adquiriu, também, a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que conectava Cambará a Ourinhos, no Estado de São Paulo (ARIAS NETO, 1998, p 23-24).

No ano da instalação do Município, em 1934, a área territorial de Londrina era de 923.117 alqueires, que foi gradativamente sendo desmembrada em 67 novos municípios, conforme Oguido (1988, p. 89), que afirmou ser Londrina, “o ponto central

---

<sup>2</sup> 515.000 alqueires = 12.000 Km<sup>2</sup>.

<sup>3</sup> Conforme depoimento de Hermann Moraes Barros (COMPANHIA, 1975, p.59).

de evolução japonesa no Norte do Paraná”. Na época de sua fundação, esta localidade era conhecida como Boca do Sertão. Posteriormente, foi chamada de Patrimônio Três Bocas. Porém para os japoneses, “a estreita e longa faixa de terras que começava em Jataí e se estendia até a região de Maringá, tinha outro nome: Colônia Internacional” (Ibidem).

De fato, a estratégia de vendas da CTNP, que comercializou a terra, dividindo-a em pequenos lotes rurais, possibilitou o acesso a uma quantidade maior de lavradores (ROLIM, 1999, passim). Isso possibilitou a fixação do homem a terra e o desenvolvimento da região, dentro do contexto nacional de expansão das fronteiras agrícolas.

As imagens e representações positivas acerca das oportunidades que foram criadas desde os primórdios da cidade são perceptíveis no editorial do fascículo nº 1, do jornal “Paraná-Norte”, o primeiro publicado em Londrina. Nele é possível confirmar a análise feita por Arias Neto (1998) acerca das representações políticas em Londrina, na qual o autor observa dois momentos distintos no processo de ocupação da região. No primeiro momento, pode ser identificada a idéia de *Terra da Promissão*, imagem construída por meio da crônica e da propaganda promovida pela CTNP, como se pode perceber no trecho:

Este moderno semanário, apresenta-se hoje em publico. Elle vem desataviado de presumpções. Pequeno e tímido, como quem avança os primeiros passos em terreno desconhecido, Paraná-Norte pede o amparo de todos que habitam esta grande zona que é o norte do Paraná, e onde elle vae agir no sentido de propagar-lhe a riqueza, concretizada na fertilidade inegualavel do seu solo – regado pelo mais formoso systema hydrographico que se pode imaginar – no esforço hercúleo dos desbravadores de suas mattas e no pulso forte e rijo de seus trabalhadores ruraes, que na ancia do progresso colectivo, não medem sacrificios para a grandeza deste pedaço da terra americana, onde várias raças se misturam na mais comovedora das harmonias. - Este é o nosso programma. (PARANÁ-NORTE, 09/10/1934, p. 1)

O jornal “Paraná-Norte” atuava como o arauto dos interesses da Companhia, sendo subvencionada pela mesma (ARIAS NETO, 1998, p. 14). E como resultado dessa propaganda, ocorreu uma rápida ocupação dessas terras. A possibilidade de trabalho e o pagamento facilitado para a compra dos lotes atraíram pessoas de diferentes proveniências, etnias e nacionalidades, sobretudo agricultores arrendatários e colonos, imigrantes europeus e asiáticos, que moravam na região Sudeste do Brasil (LIMA,

1991, p. 4). A grande e variada clientela é demonstrada e corroborada por Arias Neto, que diz ser ela formada de “europeus que fugiam das convulsões políticas e sociais originadas pela consolidação da União Soviética, pela ascensão do nazismo e do fascismo, pela guerra civil espanhola, e também camponeses expropriados pelo processo de desenvolvimento do capitalismo europeu” (ARIAS NETO, 1998, p.38). O autor afirma, também, que a propaganda atraiu brasileiros de todos os Estados, mas principalmente os de São Paulo e Minas, bem como os do nordeste, “os grandes focos de tensões econômicas e sociais do período. E quando vieram, fixaram-se predominantemente no campo” (Ibidem, p. 39).

Em outubro de 1939, a CTNP anunciava em propaganda de jornal, que até aquela data, a Companhia havia vendido 56.200 alqueires a aproximadamente 5.000 compradores, e que a população rural do município de Londrina, em 31 de dezembro de 1938, totalizava 22.650 habitantes (PARANÁ-NORTE, 15/10/1939, p.6). Conforme Oguido (1988, p. 96), o número de compradores de terras por etnia era assim distribuído: 1823 brasileiros, que eram maioria, 611 italianos, 533 japoneses, 510 alemães, 303 espanhóis, 218 portugueses, 193 poloneses, 172 ucranianos e 138 húngaros. Estes constituíam os grupos étnicos mais representativos entre os proprietários de terras no município até 1938. Havia também, porém em número menor, compradores de outras etnias como tchecoslovacos, russos, suíços, austríacos, lituanos, iugoslavos, romenos, ingleses, sírios, argentinos, dinamarqueses, australianos, norte-americanos, suecos, franceses, belgas, etc. Nesta diversidade de etnias foi se delineando um espaço multiétnico.

Quanto aos planos de colonização das companhias privadas, Pierre Monbeig observou uma racionalidade, que possibilitava a inserção da região na economia capitalista moderna. As companhias repartiam as terras em lotes rurais e urbanos, organizando as cidades e a zona rural, dotando-lhes de uma boa rede de estradas, garantindo assim, a circulação e o escoamento rápido das colheitas (MONBEIG<sup>4</sup>, 1957 apud ARIAS NETO, 1998, p. 35-36).

---

<sup>4</sup> MONBEIG, Pierre. As zonas pioneiras do Estado de São Paulo. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1957.

Dentro do plano de colonização da CTNP, foram demarcadas as cidades de maior importância a cada 100 quilômetros. Entre estas, vários núcleos urbanos foram se formando (ROLIM, 1999, p. 13).

A partir da década de 1940, a região Norte do Paraná passou a ser identificada com o café, pois teve início a sua produção em larga escala. Constituiu-se o segundo momento apontado por Arias Neto (1998, p. 38), que é identificado ao “*Eldorado Cafeeiro*”, idéia disseminada na crônica e na história. Neste período ocorre a desestruturação do poder exercido pela CTNP, motivada pela crise que ocorreu na Prefeitura, com a instauração de sindicância pelo interventor estadual, para verificar irregularidades. Além disso, a baixa venda de terras em virtude de motivos como a crise de 1929, a Revolução Constitucionalista de 32 e o início da 2ª Guerra Mundial contribuiu para a mencionada desestruturação da companhia colonizadora (TOMAZI<sup>5</sup>, 1989 apud ARIAS NETO, 1998, p. 98).

Em 1944, a CTNP foi vendida ao grupo paulista Vidigal/Mesquita e passou a denominar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP. Neste período, grandes fazendeiros paulistas, produtores de café, se dirigiram para a região em expansão. Em 1940, os preços do café começaram a melhorar, e com o final da Guerra, em 1945, formaram-se as “primeiras fortunas”, com o grande aumento dos preços do produto. A riqueza do café associada à fama da terra roxa, atraíram “milhares de pessoas que foram atrás do dinheiro sobre o qual, naquelas terras, começava-se a andar” (ARIAS NETO, 1998, p. 101).

A idéia de Eldorado Cafeeiro era uma estratégia de propaganda, que visava atrair “braços para a lavoura” e, assim, aumentar a reserva de mão-de-obra e baratear o custo da produção da lavoura do café em expansão, favorecendo os produtores (ARIAS NETO, 1998, p. 287). Com o fim do Estado Novo, e com as atenções da companhia colonizadora direcionada para a região em expansão rumo ao Oeste (Maringá, fundada em 1947), outra ordem se instala em Londrina, e o poder político local é assumido pelos cafeicultores – fazendeiros e donos das máquinas de beneficiamento (Ibidem).

O crescimento urbano resultante da prosperidade agrícola fez com que Londrina polarizasse a economia da região. Nos anos de 1950, a cidade estava entre as 81 maiores

---

<sup>5</sup> TOMAZI, Nelson D. *Certeza de lucro e direito de propriedade: o mito da CTNP*. Assis, 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, ILPH, Universidade Estadual Paulista, Assis. 1989.

idades do Brasil (PREFEITURA, 2001, p.13). Sua população no início dessa década era de aproximadamente 71 mil habitantes, com uma população urbana de 34.320. Em 1960, a população quase dobrou, ou seja, saltou para aproximadamente 135 mil habitantes, com 77.382 vivendo na zona urbana.

Nos referidos limites de tempo, isto é, entre as décadas de 1930 a 1950, em um espaço multiétnico, verificou-se o desenvolvimento de uma colonização bem sucedida de imigrantes japoneses e descendentes. Uma das razões desse sucesso pode ser atribuída à presença de um agenciador de terras, como veremos a seguir.

### **OS JAPONESES NA COLÔNIA INTERNACIONAL.**

Londrina, conhecida como a “*Terra da Promissão, Nova Canaã*”, “*onde várias raças se misturam na mais comovedora das harmonias*” (PARANÁ-NORTE, 09/10/1934, p. 1), entre os japoneses era chamada de *Kokusai Shokuminchi*, que significa Colônia Internacional.

A denominação foi sugerida por Hikoma Udihara, corretor imobiliário, nascido no Japão em 1882. Destacara-se em suas atividades de tal forma que ocupou o cargo de Gerente Geral da Seção Japonesa da Companhia de Terras Norte do Paraná e, de fato, foi o principal agente responsável pela introdução de imigrantes japoneses em Londrina e região (YAMAKI, 2008, p. 11).

Em 1930, foram vendidos os primeiros lotes de terras de matas virgens a seis adquirentes japoneses. Foram eles os primeiros a entrar na mata e desbravar a terra, derrubar florestas, e fazer a plantação.

O grande êxito na colheita em virtude da fertilidade da “terra roxa”, devidamente utilizado como matéria de propaganda, constituiu-se em chamariz para que muitos outros imigrantes japoneses confluíssem a essa localidade em busca de oportunidades de sucesso (OGUIDO, 1998, passim).

Grande parte desses japoneses eram provenientes do Estado de São Paulo, que migraram para a região de Londrina em virtude da possibilidade de se tornarem pequenos e médios proprietários, como já referido anteriormente.

Diante dessa realidade, Hikoma Udihara produziu material de propaganda, inclusive mapas, legendados em português e japonês, considerando que “uma das

estratégias utilizadas pela Companhia de Terras era o incentivo à implantação de colônias de imigrantes nas frentes de colonização” (YAMAKI, 2008, p. 11).

Udihara tinha, certamente, “a intenção de aproximar o empreendimento à imagem das tradicionais colônias de imigrantes japoneses que surgiram em grande número” ao longo das ferrovias no Estado de São Paulo (Ibidem, p. 11).

As colônias nas terras da CTNP se constituíam “por algumas dezenas de lotes rurais contíguos, delimitados por ribeirões. Eram interligados por uma estrada no espigão”. O *kaikan*, sede da associação, e a escola situavam-se estrategicamente “no centro geográfico, junto à estrada” (Ibidem, p.12). No início o terreno era doado pela CTNP, mediante solicitação da comunidade. Posteriormente, a área complementar era adquirida pela própria comunidade.

Assim, a colonização japonesa no Norte do Paraná, à oeste do rio Tibagi, iniciada com a formação de dezesseis primeiras colônias na década de 1930, entre as regiões de Londrina e Maringá, teve um aumento contínuo do número de imigrantes japoneses. Isto ocorreu em consonância com o crescimento econômico e populacional das cidades da região.

Em linhas gerais, pode-se observar que a ocupação, em moldes capitalistas modernos, da região Norte do Paraná não diferiu muito da que ocorrera no oeste paulista, pois, também foi movida pela produção exportadora, proporcionada pela lavoura cafeeira.

De 1930 a 1958, os imigrantes japoneses e seus descendentes participariam ativamente da trajetória histórica da região, trabalhando especialmente na agricultura, testemunhando o desenvolvimento proporcionado pela economia cafeeira, bem como as transformações das cidades novas.

A partir da década de 1950, as novas configurações que a cidade e região foram assumindo refletiram-se, também, na colônia japonesa. Isto é perceptível em alguns dados coletados no censo de 1958, como veremos adiante.

#### **DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA.**

Em 1958, a população que constituía a colônia japonesa no Brasil totalizava 430.135 habitantes, distribuídos por quase todo o país. Importante observar que

apresentavam uma expressiva concentração no Estado de São Paulo, onde eram mais de 320.000. O Paraná aparece em 2º lugar entre os Estados brasileiros, que apresentavam maior número de japoneses descendentes no Brasil, com 78.097. A ordem de grandeza cai vertiginosa e progressivamente, da 3ª a 8ª posição, onde o Estado do Mato Grosso aparece com mais de 8.000, seguido por Rio de Janeiro e Pará, com mais de 4.000. Minas Gerais com mais de 2.000 e Goiás e Guanabara com mais de 1.000, conforme se destaca na tabela abaixo:

**Tabela 1. Distribuição geográfica da população por Estado, geração, residência e sexo.**

Estado/ Nação	Total	Geração		Residência		Sexo	
		Imigrantes	Descendentes	Zona Urbana	Zona Rural	Masculino	Feminino
São Paulo	325.520	104.156	221.364	156.570	168.950	168.567	156.953
Paraná	78.097	23.421	54.676	28.951	49.146	40.313	37.784
Mato Grosso <sup>6</sup>	8.886	2.730	6.156	3.253	5.633	4.790	4.096
Rio de Janeiro	4.717	1.687	3.030	1.073	3.644	2.505	2.212
Pará	4.467	3.272	1.195	380	4.087	2.457	2.010
Minas Gerais	2.878	854	2.024	1.091	1.787	1.555	1.323
Goiás	1.793	521	1.272	682	1.111	938	855
Guanabara	1.086	390	696	832	254	653	433
Rio Grande do Sul	842	604	238	140	702	499	343
Amazonas	760	408	352	144	616	417	343
Bahia	256	164	92	12	244	138	118
Rondônia	157	132	25	-	157	83	74
Santa Catarina	152	52	100	21	131	89	63
Pernambuco	109	69	40	31	78	56	53
Rio Branco	79	65	14	2	77	42	37
Rio Grande do Norte	58	52	6	2	56	35	23
Espírito Santo	52	22	30	15	37	29	23
Maranhão	22	12	10	1	21	11	11
Piauí	16	14	2	1	15	8	8
Paraíba	13	8	5	-	13	8	5
Acre	3	1	2	-	3	1	2
Ceará	3	1	2	3	-	3	-
Sergipe	3	2	1	3	-	-	3
Desconhecidos	166	-	-	-	-	92	74
<b>Total/Brasil</b>	<b>430.135</b>	<b>138.637</b>	<b>291.332</b>	<b>193.207</b>	<b>236.762</b>	<b>223.289</b>	<b>206.846</b>

Fonte: COMISSÃO DO RECENTEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA. *The japanese immigrants in Brazil*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1964. p.6-19.

<sup>6</sup> O Estado do Mato Grosso era constituído pelos atuais Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.



Conclui-se, portanto, sobre o caráter hegemônico de São Paulo que concentra mais de 75,6% da população japonesa e seus descendentes no Brasil, o que se explica pela expansão e apogeu da cafeicultura paulista no período imediatamente anterior ao censo<sup>7</sup>. Porém, é importante ressaltar que o Paraná, também merece destaque no quadro nacional, pois é responsável por 18,15% do total, enquanto que a somatória dos demais Estados, excluindo São Paulo, representa 6% de todo o conjunto. Tal posição se deve à expansão das fronteiras agrícolas no norte do Paraná e aos empreendimentos colonizadores que investiram vigorosamente na propaganda do *Eldorado cafeeiro* paranaense.

Muitos outros aspectos podem ser assinalados como, por exemplo, a evolução demográfica do grupo estudado. Percebe-se o índice elevado de crescimento do grupo de descendentes em relação ao número de imigrantes, o que pode ser explicado como sendo uma ressonância dos resultados que o sistema de quotas para imigração, implementado pela Constituição de 1934, provocaram no país.

No Japão, esta disposição constitucional ficou conhecida como uma lei “antinipônica”<sup>8</sup>. O dispositivo previa que, anualmente, a entrada de imigrantes era limitada a 2% do total do número de imigrantes de cada nacionalidade, que haviam entrado no Brasil durante os últimos 50 anos. Assim, no caso japonês, a entrada limitava-se à aproximadamente 3.000 imigrantes japoneses por ano. Aparentemente, não fazia discriminação, porém sabia-se que era direcionado ao grupo étnico japonês, em virtude do crescimento vertiginoso da corrente migratória (SAITO, 1961, p.37). É o que se pode constatar pelos números apresentados por Teiiti Suzuki acerca do movimento de emigração do Japão para o Brasil, demonstrados a seguir:

**Tabela 2. Emigração Japonesa ao Brasil por período.**

<b>Total de imigrantes</b>	<b>234.636</b>	<b>100%</b>
1908-1923	31.414	13,38%
1924-1934	135.077	57,56%
1935-1941	22.495	9,58%
1952-1963	45.650	19,45%

Fonte: SUZUKI, 1969, p.14.

<sup>7</sup> Para esta questão ver também CARDOSO, Ruth C. L. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C Ltda, 1998.

<sup>8</sup> Sobre esta questão ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001; SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: *Fazer a América*. Boris Fausto (Org.). 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

Destacam-se os dados referentes ao 1º período e 2º período, anterior a 2ª Guerra Mundial. No 1º momento, a imigração era direcionada para a lavoura cafeeira paulista e subvencionada pelo Governo daquele Estado. No 2º momento, a imigração também era majoritariamente destinada ao Estado de São Paulo e, conforme Sakurai (2000), passou a ser tutelada pelo Governo do Japão. Verifica-se que no período posterior a implantação das quotas, os números caem extraordinariamente até a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, em 1941, quando se aliou aos países contrários ao Eixo (Japão, Itália e Alemanha). O fluxo imigratório foi interrompido e só retomado em 1952.

Outro aspecto que merece ser destacado é a concentração da população na área rural, indicando um predomínio naquele momento, de ocupações profissionais relacionados à agricultura.

Embora a presença dos primeiros imigrantes japoneses no Paraná tenha sido registrada na cidade de Curitiba, em 1909<sup>9</sup>, foi no norte do Estado onde se concentrou o maior número de integrantes da colônia japonesa, como se verifica na tabela 3.

A primazia da região de Londrina, em 1958, denota uma efetiva contribuição deste grupo étnico para o crescimento demográfico, que se deu em virtude do desenvolvimento econômico ocorrido naquela localidade. Os números referentes às regiões, estabelecidas pelo censo e situadas ao norte do Paraná, demonstram uma consonância com a expansão do processo de colonização e desenvolvimento nos moldes capitalistas, que ocorria em direção ao oeste do Estado, bem como o sucesso da implantação dos núcleos coloniais étnicos.

O Estado do Paraná, no citado censo, aparece dividido territorialmente em treze regiões, identificadas pelo nome das cidades mais desenvolvidas, que polarizavam ao seu redor cento e vinte e um municípios paranaenses. Todas estas cidades periféricas estavam direta ou indiretamente dependentes dos municípios considerados como centro de convergência dos dados censitários (HISTÓRICO apud ANDRADE, 1975, p. 51), conforme se demonstra a seguir:

---

<sup>9</sup> Trata-se de três trabalhadores que se retiraram da Fazenda Dumont, onde se cultivava o café, no Estado de São Paulo. Eram eles Eihati Sakamoto, Jintaro Matsuoka e Shinkichi Arikawa. Foram contratados para a construção da ferrovia Itapeva-Itararé e ao término desta, esses imigrantes japoneses seguiram para o sul, juntamente com demais trabalhadores curitibanos que operavam naquela região (SETO; UYEDA, 2009, p. 78). Para esta questão ver também ANDRADE, 1975, p. 37.

**Tabela 3. Distribuição geográfica da população por regiões do Estado do Paraná, geração, residência e sexo.**

Posição	Região/Estado	Total	Geração		Residência		Sexo	
			Imigrantes	Descendentes	Zona Urbana	Zona Rural	Masculino	Feminino
1º	Londrina	26.847	8.092	18.755	10.921	15.926	13.717	13.130
2º	Maringá	15.533	4.553	10.980	6.712	8.821	7.977	7.566
3º	Cornélio Procópio	8.792	2.591	6.201	1.911	6.881	4.540	4.252
4º	Apucarana	7.029	2.040	4.989	2.868	4.161	3.589	3.440
5º	Paranavaí	5.394	1.611	3.783	1.778	3.616	2.856	2.538
6º	Jacarezinho	3.920	1.259	2.661	1.249	2.671	2.047	1.873
7º	Tomasina	3.380	1.022	2.358	496	2.884	1.639	1.741
8º	Curitiba	3.143	884	2.259	1.680	1.463	1.747	1.396
9º	Cruzeiro do Oeste	2.695	926	1.769	701	1.994	1.472	1.223
10º	Litoral	1.166	389	777	532	634	601	565
11º	Campos Gerais	164	41	123	83	81	106	58
12º	Sudoeste do Paraná	31	13	18	17	14	19	12
13º	Castro	3	-	3	3	-	3	-
	<b>Total/PARANÁ</b>	<b>78.097</b>	<b>23.421</b>	<b>54.676</b>	<b>28.951</b>	<b>49.146</b>	<b>40.313</b>	<b>37.784</b>

Fonte: COMISSÃO DO RECENSEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA. *The japanese immigrants in Brazil*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1964. p.13-15.

Destaca-se na tabela acima, que enquanto a região de Londrina estava em 1ª posição, a região de Curitiba, ao sul, ocupava a 8ª. O não incremento de entrada de imigrantes japoneses pelo sul do Estado pode ser explicado pela inexistência de um projeto de imigração oficial para o Estado, tal como ocorrera em São Paulo, Minas Gerais, Pará e Rio de Janeiro. Isto explica a razão pela qual nunca desembarcaram imigrantes japoneses pelo Porto de Paranaguá, que recebeu, por sua vez, milhares de outros imigrantes, de diferentes etnias (SETO; UYEDA, 2009, p. 9).

Conforme dados extraídos do censo de 1958, a região de Londrina polarizava em torno de si, 27 municípios conforme discriminados a seguir:

**Tabela 4.**  
**Distribuição geográfica da população da Região de Londrina por município, geração, residência e sexo.**

Município/ Regiões	Total	Geração		Residência		Sexo	
		Imigrantes	Descendentes	Zona Urbana	Zona Rural	Masculino	Feminino
Londrina	8.978	2.669	6.309	5.143	3.835	4.626	4.352
Assaí	6.650	2.039	4.611	2.623	4.027	3.395	3.255
Rolândia	1.800	546	1.254	742	1.058	869	931
Jataizinho	1.047	360	687	92	955	524	523
Colorado	1.013	286	727	112	901	511	502
São Jerônimo da Serra	993	308	685	290	703	513	480
Astorga	827	237	590	401	426	435	392
Cambe	622	180	442	203	419	320	302
Ibiporã	483	144	339	173	310	258	225
Iguaraçu	446	126	320	163	283	224	222
Bela Vista do Paraíso	401	104	297	191	210	204	197
Munhoz de Melo	394	125	269	44	350	203	191
Centenário do Sul	383	108	275	101	282	214	169
Guaraci	312	88	224	139	173	162	150
Lobato	307	91	216	55	252	154	153
Santa Fé	291	89	202	74	217	152	139
Primeiro de Maio	272	74	198	8	264	129	143
Itaguajé	268	85	183	122	146	140	128
Alvorada do Sul	267	80	187	7	260	124	143
Lupionópolis	261	78	183	100	161	125	136
Jaguapitã	228	87	141	27	201	119	109
Sabáudia	207	57	150	3	204	99	108
Santo Inácio	114	29	85	22	92	67	47
Cafeara	94	33	61	11	83	55	39
Porecatu	79	23	56	31	48	40	39
Sertanópolis	71	25	46	22	49	35	36
Florestópolis	39	21	18	22	17	20	19
<b>Total Região de Londrina</b>	<b>26.847</b>	<b>8.092</b>	<b>18.755</b>	<b>10.921</b>	<b>15.926</b>	<b>13.717</b>	<b>13.130</b>

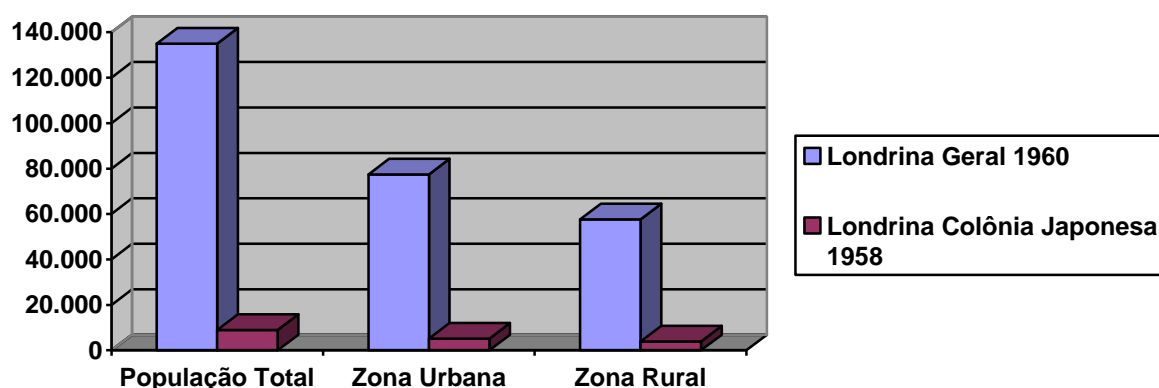
Fonte: COMISSÃO DO RECENSEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA. *The japanese immigrants in Brazil*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1964, p.14.

Convém ressaltar, que o município de Assaí, localizado à leste do rio Tibagi, à 45 km do município de Londrina, teve suas origens na fundação da Colônia Três Barras, empreendida pela Sociedade Colonizadora do Brasil Ltd. – BRATAC, de capital japonês. Inserida na política migratória do governo japonês, que tinha como objetivo a emigração de agricultores-proprietários, a Colônia Três Barras iniciou seu processo de ocupação a partir de 1932. Foi constituída, sobretudo, de “colonos trabalhadores”, reimigrantes japoneses. A maioria das famílias de imigrantes que efetuaram aquisição de lotes de terras, na Colônia Três Barras, eram procedentes do Estado de São Paulo.

A experiência de Três Barras também caracterizou-se pela ação de companhias particulares, que promoviam a colonização de áreas de frentes pioneiras, por meio da implantação do sistema de pequenas propriedades, cuja produção agrícola, de café e de algodão, era destinada ao mercado exportador (ASARI, 1992, passim).

O sucesso desse núcleo colonial explica os números apresentados na tabela acima, onde o município de Assaí aparece com o 2º maior número de imigrantes japoneses e descendentes, na região de Londrina, em 1958.

Já na cidade de Londrina, a quantidade significativa de habitantes da colônia nipônica, aponta para a importância e a contribuição desse grupo étnico para o povoamento do município. Em 1960, sua população total era constituída de 134.821 habitantes, sendo que 57.239 viviam na zona rural e 77.382 na zona urbana (PREFEITURA, [s.d.]). É o que podemos conferir no gráfico comparativo abaixo:



Enfatiza-se que especificamente no município de Londrina, a colônia japonesa era constituída de 8.978 pessoas, sendo que 2.669 eram *isseis*<sup>10</sup> e 6.309 eram seus

<sup>10</sup> Issei significa “emigrante (imigrante) japonês de primeira geração”, conforme Hinata (1992, p.155).

descendentes (COMISSÃO, 1964, p.14). Aproximadamente 57% desta população morava na zona urbana e o restante na zona rural. O que demonstra uma alteração na configuração dos aspectos econômicos relacionados às atividades ocupacionais desse grupo étnico, que naquele momento estavam também em atividades comerciais, administrativas, de ensino, industriais, etc. Pode-se dizer que tais características apresentam-se em consonância com o crescimento demográfico e urbano que a cidade vivia. Diferentemente, apresentavam-se a cidade de Assaí e a maioria dos municípios que compunham a região de Londrina, que possuíam naquele momento, uma população de imigrantes japoneses e descendentes residindo predominantemente na zona rural.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O censo permitiu compreender a dimensão populacional da colônia japonesa no norte do Paraná, especialmente, dos imigrantes japoneses e seus descendentes que viviam na cidade de Londrina. Verificou-se que a colônia japonesa londrinense representava 2,08% de toda a comunidade nipo-brasileira do país. E em relação ao Estado do Paraná, representava 11,49%. O que lhe conferia uma posição de destaque no cenário nacional e estadual.

A importância desta posição é constatada na medida em que, por ocasião dos festejos do 50º Aniversário da Imigração Japonesa no Brasil, Londrina foi uma das cidades escolhidas para receber a visita do príncipe Mikasa, irmão do imperador Hiroito. Uma grande recepção foi organizada para o príncipe e comitiva, em 20 de junho de 1958, na sede da Associação Cultural e Esportiva de Londrina (SETO; UYEDA, 2009, p.63-64). Além de Londrina, o príncipe também visitou as cidades de Curitiba, capital do Estado do Paraná, São Paulo e Brasília <sup>11</sup>(Ibidem).

Os dados levantados pelo censo naquele período permitem perceber o grau de fixação e inserção dos imigrantes japoneses e seus descendentes, naquela sociedade receptora, tanto na zona rural, quanto urbana. O que demonstra que acompanhavam as mudanças que estavam ocorrendo nas configurações econômicas e sociais daquela localidade.

---

<sup>11</sup> Brasília estava em construção e Juscelino Kubitschek, então presidente da República, acompanhou o príncipe Mikasa para que este conhecesse as obras da futura capital do Brasil.

Finalmente, ao utilizar o censo, que se constitui em importante fonte para os estudos da imigração japonesa no Brasil, buscou-se demonstrar brevemente um pouco da trajetória dessa comunidade étnica em Londrina, norte do Paraná.

#### **BIBLIOGRAFIA.**

ANDRADE, João Correa de. *A Colônia Esperança. O japonês na frente pioneira norte paranaense*. Curitiba, 1975. 117 f. Dissertação (Mestrado em História Demográfica) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1975.

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930/1975*. Londrina: Ed.UEL, 1998.

ASARI, Alice Yatiyo. “... *E eu só queria voltar ao Japão*” (*Colonos japoneses em Assaí*). São Paulo, 1992. 204 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

CARDOSO, Ruth C. L. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C Ltda, 1998.

COMISSÃO DO RECENSEAMENTO DA COLÔNIA JAPONESA. *The japanese immigrants in Brazil*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1964. 766p.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. São Paulo: Publicação Comemorativa do Cinquentenário da CMNP, 1975.

HISTÓRICO do 60º Aniversário da Colônia Japonesa no Paraná. 1968. 330 p. apud ANDRADE (1975).

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LIMA, Fausto C. de *Prestes Maia em Londrina: Moderno em que estilo?* 2000, 219 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

OGUIDO, Homero. *De imigrantes a pioneiros: a saga dos japoneses no Paraná*. Curitiba:1988.

PARANÁ-NORTE. Londrina, 09/10/1934.

PREFEITURA do Município de Londrina. Secretaria de Planejamento. DPI/GPI. *Perfil do Município de Londrina*. Londrina, 2001.

PREFEITURA do Município de Londrina. *Dados populacionais*. Londrina, [s.d.]. Disponível em: [http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?view=article&catid=5%3Aa-cidade&id=163%3Adados-populacionais&tmpl=component&print=1&layout=default&page=&option=com\\_content&Itemid=66](http://www1.londrina.pr.gov.br/index.php?view=article&catid=5%3Aa-cidade&id=163%3Adados-populacionais&tmpl=component&print=1&layout=default&page=&option=com_content&Itemid=66). Acesso em: 26/03/2011.

ROLIM, Rivail Carvalho. *O policiamento e a ordem: repressão e violência (1948-1962)*. Londrina: EDUEL, 1999.

SAITO, Hiroshi. *O japonês no Brasil. Estudo de mobilidade e fixação*. São Paulo: Ed. "Sociologia e Política", 1961.

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: *Fazer a América*. Boris Fausto (Org.). 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. *Bushidô. Caminho do guerreiro semeador. 100 anos de presença japonesa no Paraná*. Curitiba: Gráfica Mansão, 2009. v.1.

SUZUKI, Teiiti. *The japanese immigrant in Brazil. Narrative part*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1969.

YAMAKI, Humberto. *Mini atlas da colônia internacional: as terras da CTNP*. Londrina: Edições Humanidades, 2008.